

UM LIVRO DE DESCOBERTAS DA AB

# *Crescendo como Um bebê*



ROSALIE BENT

# Crescendo como Um bebê

por  
Rosalie Bent

Publicado pela primeira vez em 2025

Direitos autorais © Rosalie Bent

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação, transmitida de qualquer forma, por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a prévia autorização por escrito do editor e do autor.

Qualquer semelhança com qualquer pessoa, viva ou morta, ou com eventos reais é mera coincidência.

Título: Crescendo como um bebê

Autora: Rosalie Bent

Editor: Michael Bent

Editora: AB Discovery

© 2025

[www.abdiscovery.com.au](http://www.abdiscovery.com.au)

## Índice

Capítulo 1: Um Mundo Que Nunca Teve Pressa .....	5
Capítulo 2: Um Novo Amigo .....	8
Capítulo 3: Aventuras Juntos .....	11
Capítulo 4: Dores do Crescimento .....	14
Capítulo 5: Uma Festa do Pijama Juntos .....	16
Capítulo 6: Amiguinhos Bebês, Especiais Juntos .....	18
Capítulo 7: Crescendo juntos como um casal .....	21
Capítulo 8: Um Casamento para Bebês .....	24
Epílogo: Juntos, para sempre pequenos .....	27

# Capítulo 1: Um Mundo Que Nunca Teve Pressa

Neste mundo, crescer era opcional. Algumas crianças optavam por andar, falar e ir à escola cedo, enquanto outras permaneciam na suavidade da infância, desfrutando do conforto e da segurança de um mundo projetado para mãos pequenas, cobertores macios e cuidados delicados. O tempo não exigia progresso e os marcos do desenvolvimento eram meras sugestões. O desfralde podia esperar anos, até décadas, e o gênero não era ditado pela biologia. Era escolhido pelos pais, frequentemente em consulta com a criança, mas geralmente com a sabedoria do amor e do carinho.

A mãe de Kelly havia feito sua escolha com cuidado. Quando Kelly nasceu, pequena e quieta, com o corpo de um menino, sua mãe decidiu delicadamente que Kelly seria criada como uma menina.

“Seu coração sabe mais do que seu corpo”, ela sussurrou, embalando a pequena recém-nascida nos braços. O pai concordou, sorrindo ternamente. Juntos, eles nutriram Kelly em sua jornada para se tornar o gênero que ela havia escolhido, com vestidos, fitas delicadas, vozes gentis e um mundo repleto de carinho em vez de instruções.

Desde o início, eles também fizeram outra escolha... Kelly permaneceria bebê pelo tempo que fosse necessário.

“Algumas crianças crescem rápido”, disse sua mãe. “Outras precisam de tempo. Kelly, você tem permissão para continuar pequena, para continuar infantil, contanto que isso te faça feliz.”

Essa decisão significava que Kelly não seria pressionada a usar o banheiro, a andar antes de estar pronta ou a frequentar a escola com crianças da sua idade cronológica. Em vez disso, ela permaneceria na creche escolhida pelos pais, um lugar projetado para aqueles que prosperam no conforto da primeira infância.

A amamentação, insistia a mãe, não era apenas nutrição. Era uma fonte de conforto, de conexão, de crescimento emocional.

Embora muitas crianças fossem alimentadas com mamadeira nessa idade, a mãe de Kelly optou por continuar amamentando-a.

“Você tem o direito de continuar recebendo carinho”, ela explicou ao marido. “Algumas crianças são desmamadas cedo, outras mais tarde. Não há pressa.” Kelly, mesmo agora com treze anos, ainda sentia o calor e a segurança do cuidado da mãe de uma forma que a maioria de seus amigos da creche já não sentia.

Nem todos os pais fizeram as mesmas escolhas. Algumas crianças foram incentivadas a crescer, a andar, a falar e a ir para a escola na idade padrão. Outras permaneceram bebês, como Kelly, mas foram alimentadas com mamadeira ou misturadas com crianças maiores. E o gênero, nesse mundo, era fluido. O corpo da criança não ditava sua identidade e os pais as guiavam com delicadeza, às vezes fazendo ajustes conforme a personalidade da criança se desenvolvia. Meninos podiam ser criados como meninas, meninas como meninos, e aqueles cujas identidades não eram claras podiam explorar livremente, sempre com apoio.

Kelly sabia que era diferente. Ela era uma das poucas em sua creche que ainda era amamentada exclusivamente, ainda engatinhava em vez de dar os primeiros passos, ainda tão pequena que até os bebês mais novos pareciam muito mais altos do que ela. E, no entanto, neste mundo, ela estava segura. Ela tinha seus cobertores, seus brinquedos de pelúcia, seus túneis e buracos de brincar favoritos e a certeza do amor de seus pais.

Enquanto engatinhava sobre os tapetes macios naquela manhã, ela parou na beira do fosso de brinquedos e olhou ao redor. Havia crianças pequenas brincando na água, bebês empilhando blocos, algumas crianças maiores caminhando com cuidado pelas passarelas acolchoadas. Cada criança tinha permissão para crescer, ou não, de acordo com suas necessidades e a orientação dos pais. Gênero, tamanho, habilidades e até mesmo o desmame eram questões de escolha. Kelly, por enquanto, era uma menina em um corpo minúsculo, ainda alimentada pelo seio da mãe, ainda um bebê em um mundo que compreendia a beleza de permanecer pequena.

E, no entanto, mesmo em um lugar projetado para conforto e aceitação, Kelly sentia uma pequena curiosidade silenciosa. Ela tinha consciência do seu corpo, das diferenças entre ela e outros bebês, e das perguntas sussurradas da puberdade. Para que ela servia, às vezes se perguntava? O que aconteceria com ela à medida que crescesse, se é que algum dia cresceria? Mas esses pensamentos eram silenciosos, como ecos suaves em um quarto de aconchego e segurança. Por ora, ela se contentava em engatinhar, brincar e ser exatamente como era.

Este era um mundo sem pressa, sem pressão. E Kelly, aconchegada no amor de sua mãe, podia permanecer exatamente como precisava ser.

## Capítulo 2: Um Novo Amigo

O sol da manhã entrava suavemente pelas janelas da creche, iluminando os tapetes em tons pastel e os túneis coloridos onde as crianças brincavam. Kelly acabara de tomar sua mamadeira do café da manhã e engatinhou pelo chão macio até a área de recreação, suas mãozinhas roçando os brinquedos familiares e as bordas do fosso acolchoado. Ela adorava essas manhãs, quando a sala estava silenciosa e tranquila, as outras crianças chegavam aos poucos e tudo parecia seguro e aconchegante.

Naquele dia, havia alguém novo. Uma figura pequena e tímida apareceu na entrada, guiada por dois funcionários. Kelly parou, seus olhos arregalados observando a recém-chegada. A menina era pequena, tão pequena que parecia quase flutuar acima do chão. Seus cabelos escuros caíam suavemente sobre os ombros, e seus olhos revelavam uma curiosidade cautelosa.

"Oi", disse Kelly baixinho, aproximando-se rastejando. "Meu nome é Kelly."

A garota ergueu o olhar, assustada, e então um pequeno sorriso hesitante se espalhou por seu rosto. "Eu sou... Belinda", sussurrou. Sua voz era quase um murmúrio, delicada e cautelosa, como se estivesse testando se era seguro falar.

O pequeno coração de Kelly deu um salto. Havia algo familiar em Belinda, algo que a fazia sentir-se imediatamente à vontade. Ela estendeu a mão, com a palma aberta sobre o tapete.

"Quer brincar?", ela perguntou.

Belinda hesitou por um instante, depois assentiu com a cabeça. Lentamente, ela rastejou para a frente, colocando sua pequena mão na de Kelly. Os funcionários sorriram discretamente de perto, notando a conexão instantânea entre as duas.

O resto da manhã passou num turbilhão de risos, corridas de engatinhar e exploração conjunta. As meninas aventuraram-se pelos túneis juntas, lado a lado, as mãos roçando-se enquanto contornavam cantos e curvas. Kelly mostrou a Belinda seus



esconderijos favoritos, e Belinda, timidamente, revelou um cobertor macio que havia trazido de casa.

Durante o lanche, eles se sentaram próximos uns dos outros nos tapetes, compartilhando pequenos brinquedos e blocos. Mesmo em meio à brincadeira, Kelly não pôde deixar de notar as semelhanças entre eles. Ambos eram bem pequenos para a idade, ambos tinham um comportamento totalmente infantil e ambos ainda dependiam dos cuidados e da orientação da equipe.

"Você gosta dos blocos?", perguntou Kelly, empilhando dois cubos um sobre o outro.

Belinda assentiu com entusiasmo. "Sim! Construir mais?"

Juntos, eles construíram torres, derrubaram-nas e reconstruíram-nas. Cada desmoronamento era seguido por gargalhadas que ecoavam suavemente pela sala. Nesses momentos, Kelly sentiu algo que nunca havia sentido antes: conforto e confiança, misturados à emoção de descobrir alguém que a compreendia perfeitamente.

Mais tarde, durante o descanso, as meninas se aconchegaram em um tapete macio, lado a lado, sob um cobertor compartilhado. Kelly deu um leve empurrão com o ombro. Belinda se encostou nela em resposta, fechando os olhos por um instante. O calor do contato, a segurança compartilhada do cobertor, encheu Kelly de uma alegria silenciosa e indizível.

A equipe observava sem interromper, reconhecendo que algo raro havia começado, uma verdadeira amizade, construída sobre cuidado e conforto mútuos. Neste mundo, onde crescer era opcional e as crianças podiam permanecer na infância pelo tempo que fosse necessário, amizades como essa eram preciosas.

Kelly olhou para Belinda, seus dedinhos roçando a borda do cobertor. Ela ainda não sabia quanto tempo essa amizade duraria ou aonde poderia levá-la, mas tinha certeza de uma coisa: queria compartilhar seu mundo, suas rotinas e seus dias com Belinda. O conforto de engatinhar juntas, de descobrir túneis e buracos para brincar lado a lado, era uma alegria que ela nunca havia conhecido antes.

E enquanto o sol da tarde começava a aquecer o quarto, as duas meninas, pequenas e frágeis, mas ousadas à sua maneira, continuaram a explorar juntas, duas crianças num mundo que lhes permitia permanecer pequenas, seguras e infinitamente curiosas.

## Capítulo 3: Aventuras Juntos

Na manhã seguinte, Kelly acordou com a luz suave do sol invadindo seu berço. Ela bocejou, esticou seus bracinhos e imediatamente pensou em Belinda. A lembrança das brincadeiras do dia anterior e das risadas sussurradas ainda a aquecia o peito. Engatinhando rapidamente pelos tapetes macios, ela chegou à área de brincar, e lá estava Belinda, já explorando uma fileira de túneis coloridos.

"Bom dia!", disse Kelly suavemente.

Belinda se virou, seu sorriso tímido se abrindo enquanto ela acenava. "Bom dia... Kelly."

Sem hesitar, as meninas deram as mãos e mergulharam juntas nos túneis. Lado a lado, rastejaram, seus corpinhos deslizando pelas curvas e voltas com uma facilidade impressionante. De vez em quando, esbarravam os ombros ou roçavam as mãos sem querer, e risadinhas ecoavam pelos tubos coloridos.

"Você é muito rápida!" exclamou Belinda enquanto Kelly disparava em direção a um tapete de saída macio.

Kelly deu uma risadinha e esperou pela amiga. "Podemos ir juntas! Segure minha mão!", disse ela, e elas saíram do túnel lado a lado. A pequena emoção de se moverem juntas, explorarem e compartilharem essas descobertas era diferente de tudo que Kelly já havia experimentado.

Dos túneis, elas foram para os tanques de brincar, onde a água respingava suavemente sobre o piso acolchoado. Kelly e Belinda entraram com cuidado nas piscinas rasas, suas mãozinhas alcançando os brinquedos flutuantes. Elas construíram torres com blocos de espuma, derrubando-as com alegria e reconstruindo-as com silenciosa determinação.

"Você derrubou!" exclamou Kelly, rindo.

Belinda deu uma risadinha, pegando um bloco. "Então vamos reconstruir! Juntos!"

Juntos, eles empilharam os blocos cada vez mais alto, ajudando um ao outro a equilibrar as peças. Quando as torres desmoronaram, eles deram as mãos e riram, suas vozes se misturando como pequenos sinos. Naqueles momentos, Kelly sentiu uma calma e uma certeza incomuns. Ela estava exatamente onde deveria estar, com alguém que a entendia completamente.

Mais tarde, quando os funcionários trouxeram cobertores e colchonetes macios para um breve descanso, as meninas se aconchegaram lado a lado. Belinda as cobriu com seu pequeno cobertor, e Kelly apoiou a cabeça no ombro da amiga. Elas sussurravam baixinho, compartilhando pequenos segredos sobre brinquedos e lugares favoritos nos túneis.

"Eu gosto de rastejar com você", disse Kelly baixinho.

Belinda sorriu, afastando uma mecha de cabelo dos olhos. "Eu também... você torna tudo mais divertido."

Para os funcionários que observavam, era mais um dia comum na creche. Mas para Kelly e Belinda, algo extraordinário havia começado, uma amizade que ia além da brincadeira. Elas estavam descobrindo confiança, segurança e alegria na presença uma da outra. A conexão entre elas era sutil, mas inegável, um entendimento tácito de que, acontecesse o que acontecesse, elas enfrentariam o mundo juntas, uma pequena aventura de cada vez.

Enquanto o sol da tarde entrava pelas janelas, as duas meninas voltaram para os túneis, de mãos dadas, rindo, explorando e rastejando lado a lado. Nesse mundo onde crescer era opcional, onde o cuidado e o conforto tinham prioridade sobre a independência, Kelly havia encontrado sua primeira amiga de verdade. E para Belinda, era o mesmo: uma companheira que se movia no seu ritmo, entendia o seu mundo e compartilhava da magia de permanecer pequena, segura e infinitamente curiosa.

Ao final do dia, Kelly sentiu um calor reconfortante no peito que nunca havia experimentado antes. Não era apenas felicidade. Era pertencimento, conexão e a tranquila certeza de que, pelo menos naquele dia, ela estava exatamente onde deveria estar.



## Capítulo 4: Dores do Crescimento

O tempo passou, embora tenha transcorrido de forma diferente para crianças como Kelly e Belinda. Cronologicamente, elas já estavam no início da adolescência, mas em todos os outros aspectos — seu tamanho, suas brincadeiras, suas rotinas — continuavam sendo bebês. A creche ainda era o mundo delas, e os túneis, os fossos de brincar e os colchonetes acolchoados pareciam tão mágicos quanto sempre.

Mas algo estava mudando. Kelly percebeu isso pela primeira vez numa manhã, enquanto rastejava pelos tapetes macios para cumprimentar Belinda. Seu corpo parecia diferente, estranho de maneiras que ela não entendia. Às vezes, sentia o peito apertado e de um jeito esquisito, e notava mudanças na parte inferior do corpo — ereções — que a deixavam curiosa e um pouco envergonhada. Ela nunca tinha aprendido sobre essas coisas, e não havia livros para crianças como ela.

"Belinda..." ela sussurrou enquanto estavam sentadas juntas empilhando blocos de espuma. "Tem algo... estranho acontecendo."

Belinda inclinou a cabeça, franzindo a testa. "Estranho como?"

"Eu... eu não entendo... meu corpo", murmurou Kelly, olhando para baixo. "Ele... ele fica... estranho às vezes."

Belinda pensou por um instante, depois estendeu a mão para segurar a de Kelly. "A minha também é assim", disse ela suavemente. "É... confuso. Mas acho que é normal... talvez?"

As duas garotas ficaram sentadas em silêncio por um momento, de mãos dadas, inseguras, mas confortadas pela presença uma da outra. Mesmo confusas, estarem juntas tornava tudo menos assustador. A amizade delas sempre fora baseada na confiança, e agora essa confiança se tornara uma tábua de salvação enquanto seus corpos começavam a mudar de maneiras pequenas e confusas.

Durante as brincadeiras, elas às vezes percebiam essas sensações estranhas. Kelly parava no meio do engatinhar, com a mente distraída, e Belinda estendia a mão, roçando-a na da amiga

para tranquilizá-la. Os funcionários notavam os momentos de hesitação, mas os interpretavam como uma incerteza infantil normal, sem dar muita importância. Afinal, as crianças neste mundo tinham permissão para permanecer pequenas, e os adultos ao seu redor priorizavam o conforto e a orientação em vez de explicações.

A amamentação continuou sendo uma fonte de segurança, não apenas de nutrição. Kelly descansava no seio da mãe durante breves pausas, deixando que o calor e o ritmo acalmassem a confusão que sentia. Belinda fazia o mesmo com sua cuidadora, e às vezes elas se sentavam lado a lado, mamando em silêncio, com as mãos se roçando, encontrando conforto na familiaridade do ritual.

Apesar das pequenas perplexidades da puberdade, Kelly e Belinda encontraram maneiras de manter suas aventuras. Rastejando por túneis, empilhando blocos, chapinhando em poças rasas de água, elas continuaram a se movimentar e brincar juntas, aprendendo a lidar com seus sentimentos e com a curiosidade sobre seus corpos em transformação.

Às vezes, depois de cochilos ou momentos de tranquilidade, Kelly sussurrava: "Eu não entendo isso... mas me sinto segura com você."

Belinda assentiu com a cabeça, sorrindo suavemente. "Eu também... vamos descobrir juntos."

E juntas, elas conseguiram. Num mundo onde crescer era opcional, onde o gênero era fluido e onde a infância podia durar o tempo que fosse necessário, Kelly e Belinda encontraram não só amizade, mas também conforto, compreensão e um espaço seguro para explorar os novos e estranhos sentimentos que acompanhavam o crescimento dos corpos. Por mais confuso que fosse, elas nunca estiveram sozinhas.

## Capítulo 5: Uma Festa do Pijama Juntos

Era uma tarde tranquila na creche, o sol entrando pelas janelas e pintando manchas douradas nos tapetes macios e nos túneis de brincar. Kelly e Belinda passaram o dia engatinhando, construindo torres e brincando nos pequenos lagos. Agora, era hora de uma surpresa especial: uma festa do pijama organizada pela equipe para as crianças que eram amigas muito próximas.

Kelly sentiu um friozinho na barriga ao rastejar em direção ao canto macio coberto com cobertores, onde Belinda já estava sentada, abraçada ao seu bichinho de pelúcia favorito. Ela parou, percebendo mais uma vez as sensações estranhas que seu corpo às vezes lhe dava — aperto, calor, confusão. Isso a deixou um pouco nervosa, mas ver Belinda a ajudou a respirar melhor.

Belinda ergueu os olhos e sorriu timidamente. "Você está aqui!"

"Eu não perderia isso por nada", sussurrou Kelly, aproximando-se e se aconchegando ao lado da amiga.

A equipe havia preparado colchonetes macios, cobertores e travesseiros para as meninas. Elas compartilharam um cobertor, aconchegando-se ao redor delas para que seus corpinhos ficassem quentinhos e confortáveis. Kelly estendeu a mão instintivamente, roçando os dedos na mão de Belinda. Belinda segurou a mão da amiga delicadamente, transmitindo uma calma segurança.

"É uma sensação... boa", murmurou Kelly, quase num sussurro. "Estar perto assim."

Belinda assentiu com a cabeça. "Sim... seguro."

Por um tempo, eles conversaram baixinho sobre suas partes favoritas do dia: os túneis, as torres de blocos, os respingos no poço d'água. Então, quando o silêncio se instalou na sala, Kelly hesitou antes de falar novamente.



"Belinda... às vezes meu corpo se sente... estranho. Eu não... entendo", disse ela baixinho, seu rostinho se virando levemente para a amiga.

Belinda apertou a mão dela delicadamente. "A minha também. É... confuso. Mas estamos juntas. Isso ajuda."

Kelly sentiu um alívio imenso. Mesmo sem entender completamente o próprio corpo, ela não se sentia mais sozinha. Percebeu que, por mais confusas que as coisas ficassem, sempre poderia contar com o conforto de Belinda.

As meninas se aconchegaram no cobertor, enroscando-se bem juntinhas. Sussurravam piadinhas, compartilhavam histórias sobre seus brinquedos favoritos e riam baixinho quando um bichinho de pelúcia tombava ou uma torre de blocos desabava. O mundo lá fora parecia distante. Ali, elas eram simplesmente duas crianças, pequenas e amadas, explorando a amizade, a confiança e os primeiros sinais de uma profunda conexão emocional.

Conforme o quarto ficava silencioso e as outras crianças adormeciam, Kelly encostou a cabeça no ombro de Belinda. Ela sentiu um calor e uma segurança que nunca havia sentido antes. As sensações estranhas e confusas em seu corpo ainda estavam lá, mas pareciam menores, mais suportáveis, porque ela não as estava enfrentando sozinha.

Belinda sussurrou baixinho, quase para si mesma: "Vamos descobrir... juntas."

Kelly sorriu, as palavras penetrando em seu coração. "Juntos", ela repetiu.

Sob a suave luz do sol da tarde, duas amigas se aconchegavam sob um cobertor compartilhado, confortadas pela presença uma da outra. Num mundo onde crescer era opcional, onde cada criança podia seguir seu próprio ritmo, Kelly e Belinda haviam descoberto algo extraordinário: a confiança e a alegria de saber que, não importa o quão confuso ou estranho o mundo, ou seus próprios corpos, pudessem ser, elas enfrentariam tudo juntas.

## Capítulo 6: Amiguinhos Bebês, Especiais Juntos

O sol estava quente naquela manhã, brilhando sobre os tapetes de atividades enquanto Kelly engatinhava para a sala da creche. Belinda já a esperava, sentada em cima de uma manta macia perto do fosso de atividades. Quando viu Kelly, seus olhos brilharam e ela estendeu sua mãozinha.

"Oi, Kelly!" disse Belinda, com a voz cheia de uma animação contida.

Kelly rastejou animadamente até Belinda e pegou sua mão. "Oi... quer ir aos túneis primeiro?"

Belinda assentiu com a cabeça e, juntos, começaram sua aventura matinal. Enquanto exploravam, algo novo começou a surgir entre eles: um laço suave e tácito, diferente das amizades de outros bebês. Eles riam mais, compartilhavam brinquedos sem que lhes fosse pedido e, frequentemente, davam as mãos enquanto se moviam do fosso de brincar para o túnel, dos blocos para os tapetes.

Os funcionários perceberam. Trocaram sorrisos discretos. "Eles estão formando algo... uma amizade especial", disse um deles.

Outro acrescentou: "É como se fosse a versão deles de namoro. Dois bebês aprendendo o que significa cuidar de alguém de uma forma muito deliberada e constante."

Kelly e Belinda não sabiam exatamente o que significava "namorar". Mas entendiam a vontade de estarem juntas, a felicidade de estarem lado a lado e a necessidade do conforto da presença uma da outra. Às vezes, compartilhavam um cobertor na hora do descanso, roçando os ombros, dando as mãos e sussurrando uma para a outra. Elas se deliciavam com pequenos rituais, como oferecer os blocos primeiro, esperar que a outra rastejasse por um túnel à frente ou rir quando se respingavam acidentalmente na piscina de água.

Na hora do lanche, Kelly ofereceu a Belinda seu bloco favorito. Belinda sorriu e retribuiu com um pequeno bichinho de pelúcia. Essas pequenas trocas, singelas e ternas, eram a forma como as duas bebês demonstravam afeto, uma forma de amor que os pais e cuidadores compreendiam e incentivavam.

Durante o cochilo, as meninas se aconchegaram sob um cobertor compartilhado. Kelly apoiou a cabeça levemente no ombro de Belinda. "Gosto de estar com você", sussurrou ela.

Belinda estendeu a mão e acariciou a pequena mão de Kelly. "Eu também gosto de estar com você... sempre."

Neste mundo, onde os bebês podiam permanecer bebês pelo tempo que fosse necessário, seu vínculo era perfeitamente apropriado. Os pais entendiam que essas conexões — embora diferentes dos relacionamentos adultos — eram a base da confiança, do amor e da segurança emocional. Os pequenos gestos, os carinhos e as rotinas compartilhadas pelos bebês eram reconhecidos como as primeiras expressões de apego que poderiam um dia se transformar em uma amizade mais profunda e, eventualmente, em companheirismo para a vida toda.

Ao longo da tarde, Kelly e Belinda continuaram a explorar, brincar e descansar juntas. Suas risadas ecoavam suavemente pela creche, suas mãozinhas se roçando repetidamente, um lembrete constante do amor que estavam construindo.

Mesmo com as pequenas confusões causadas pelas mudanças em seus corpos — Kelly às vezes percebendo sensações estranhas que ainda não entendia, e Belinda observando sentimentos semelhantes —, as duas meninas se apoiavam mutuamente para se confortarem. De mãos dadas, compartilhando cobertores e rindo de pequenos contratempos, elas estavam aprendendo algo profundo: que o amor podia ser gentil, acolhedor e totalmente compatível com a condição de bebês.

Quando o sol começou a se pôr, Kelly e Belinda estavam abraçadas novamente, cansadas, mas felizes. Não precisavam de palavras para descrever o que sentiam. A proximidade, a alegria compartilhada e a confiança mútua eram suficientes. Aos olhos dos

*Crescendo como Um bebê*

pais e cuidadores, aquilo era amor : inocente, terno e perfeitamente adequado ao mundo em que viviam.

E para Kelly e Belinda, era tudo.

## Capítulo 7: Crescendo juntos como um casal

Os dias na creche tinham entrado num ritmo tranquilo, mas algo novo começava a florescer para Kelly e Belinda. Elas não eram mais apenas amigas. Tinham se tornado inseparáveis, uma dupla que se movia junta, brincava junta e descansava lado a lado.

Certa tarde, a equipe sugeriu um arranjo especial: uma noite do pijama supervisionada para as duas amigas mais próximas. O coração de Kelly palpitou enquanto ela se aconchegava no cantinho macio preparado para elas, com colchonetes e cobertores arrumados especialmente para ela e Belinda. Belinda já estava lá, suas mãozinhas alisando o cobertor compartilhado.

"Oi", sussurrou Kelly, aproximando-se rastejando.

Belinda entrou em contato imediatamente. "Oi... pronta?"

Eles se acomodaram juntos sob o cobertor, as cabeças quase se tocando, as mãos se roçando enquanto ajustavam suas posições. A equipe sorriu discretamente, observando como os dois haviam se adaptado naturalmente a estarem sempre próximos. Para os adultos, era evidente. Aquela era a versão infantil de um casal romântico, entre dois bebês cujo cuidado, conforto e alegria estavam intrinsecamente ligados.

Durante a noite, as meninas exploraram novas rotinas juntas. A hora do banho foi uma aventura compartilhada, com risadinhas enquanto a água morna banhava seus corpinhos, passando toalhas macias umas para as outras e respingando água com cuidado enquanto riam dos menores acidentes. Elas davam as mãos ao entrar e sair da banheira e, quando tudo terminava, a equipe as envolvia juntas em uma toalha grande e macia.

"É divertido... fazer isso com você", sussurrou Kelly, encostando-se no ombro de Belinda.

Belinda sorriu, afastando uma mecha de cabelo molhada do rosto. "Gosto de estar com você... o tempo todo."

Até a hora de dormir seguia o mesmo padrão de união. Seus berços eram colocados lado a lado, com um grande cobertor compartilhado cobrindo ambos. Eles se aconchegavam suavemente nas cobertas macias, compartilhando bichinhos de pelúcia e murmurando baixinho sobre as aventuras do dia. Suas mãos permaneciam entrelaçadas, um lembrete constante da proximidade que sentiam.

Os pais perceberam o vínculo imediatamente. A mãe de Kelly observou como os olhos da filha brilhavam sempre que Belinda engatinhava por perto. O pai de Belinda viu como as meninas se confortavam naturalmente, seus pequenos gestos refletindo cuidado, apego e devoção. Após alguma conversa, os pais concordaram que aquilo era a versão bebê de um casal. O amor delas era inocente, gentil e totalmente compatível com o de outros bebês.

Mesmo com a puberdade trazendo momentos de confusão, sensações estranhas no corpo de Kelly e uma leve consciência das diferenças entre ela e Belinda, elas se confortavam mutuamente. Belinda apertava a mão de Kelly, murmurava baixinho ou compartilhava um carinho suave, fazendo com que os sentimentos confusos parecessem menores, mais suportáveis.

Ao final da noite, aconchegados sob o mesmo cobertor, Kelly sussurrou sonolenta: "Estou feliz... por estarmos juntos."

Belinda sorriu com seu jeito sonolento. "Eu também... para sempre."

A equipe e os pais observavam em silêncio, com o coração transbordando de alegria. Neste mundo onde crescer era opcional, onde bebês podiam permanecer bebês indefinidamente, Kelly e Belinda haviam descoberto algo extraordinário: a mais profunda amizade possível. Elas eram uma dupla, uma equipe e, aos olhos dos adultos que cuidavam delas, a versão infantil de um casal romântico, com rotinas compartilhadas, noites do pijama e a presença terna e constante de alguém que as amava incondicionalmente.

Para Kelly e Belinda, nada mais importava. Juntas, elas estavam seguras, felizes e infinitamente confortadas, descobrindo o

*Crescendo como Um bebê*

verdadeiro significado de apego, confiança e amor em um mundo que lhes permitia permanecer exatamente quem eram.

## Capítulo 8: Um Casamento para Bebês

O sol brilhava suavemente pelas janelas da creche enquanto a equipe se preparava para um dia especial. Kelly e Belinda, agora inseparáveis, estavam prestes a celebrar um marco único: um "casamento", um reconhecimento delicado do profundo laço que haviam formado. Não um casamento no sentido tradicional dos adultos, mas uma cerimônia que reconhecia que as duas bebês agora eram oficialmente uma dupla, um casal aos olhos de seus cuidadores e pais.

Kelly rastejou até o canto decorado, suas mãozinhas roçando fitas macias e bichinhos de pelúcia dispostos como um pequeno corredor. Belinda já estava lá, parecendo tímida, mas animada, agarrada ao seu cobertor favorito. Quando seus olhares se encontraram, elas sorriram amplamente, estendendo as mãos uma para a outra.

A equipe explicou com delicadeza o que estava acontecendo. "Hoje, celebramos a amizade e o amor de vocês. Vocês estarão juntos como um casal, cuidando um do outro e compartilhando seus dias."

A mãe de Kelly ajoelhou-se ao lado da filha, acariciando-lhe os cabelos suavemente. "Você e Belinda sempre cuidaram uma da outra. Hoje, estamos apenas reconhecendo o quão especial isso é."

O pai de Belinda assentiu com a cabeça, sorrindo. "Este é o dia de vocês, meus pequenos. Vocês são um par, e estamos orgulhosos do vínculo de vocês."

A cerimônia foi simples, mas emocionante. Os bebês deram as mãos enquanto os funcionários delicadamente colocavam fitas macias sobre seus ombros, simbolizando sua conexão. Eles engatinharam por um pequeno túnel decorado com flores, lado a lado, rindo das curvas e voltas familiares. Bichinhos de pelúcia enfeitavam o "corredor", e quando chegaram ao final, os funcionários



anunciaram: "Kelly e Belinda, vocês agora são oficialmente um casal. Que vocês sempre cuidem uma da outra e compartilhem seus dias."

Os bebês bateram palmas de alegria e engatinharam direto para seu parquinho favorito. Depois de um dia de túneis, blocos e risadas, era hora do próximo ritual: a hora de dormir.

Naquela noite, as duas se aconchegaram no mesmo berço, cobertas por um grande cobertor compartilhado. Elas se aninharam, de mãos dadas, sussurrando baixinho sobre o dia. O calor da presença de Belinda dissipou as pequenas dúvidas que Kelly ainda sentia sobre seu corpo.

"Você é minha parceira querida", sussurrou Kelly.

Belinda sorriu sonolenta. "Você também é meu... para sempre."

Na manhã seguinte, começaram as rotinas compartilhadas: banho juntas, alimentação lado a lado, troca de fraldas feita com delicadeza pela equipe atenciosa. Cada gesto era uma expressão do vínculo entre elas. Kelly entregou a Belinda sua toalha de banho favorita, e Belinda ofereceu um pequeno brinquedo em troca. Mesmo nos menores momentos, o amor e a companhia delas eram evidentes.

Os pais observavam com orgulho. Os bebês eram inseparáveis, apoiando-se mutuamente, consolando-se uns aos outros e prosperando em um mundo que lhes permitia permanecer bebês enquanto ainda formavam laços emocionais. Para os de fora, isso poderia parecer incomum, mas naquela sociedade era natural, acolhedor e celebrado.

Com o passar dos dias e das semanas, Kelly e Belinda continuaram suas rotinas juntas, com noites do pijama, brincadeiras, banhos, alimentação e carinhos. Elas se tornaram mais próximas a cada dia, uma dupla em todos os sentidos, com um vínculo reconhecido pelos pais, pela equipe e por elas mesmas. A puberdade continuou trazendo pequenas confusões e curiosidades, sempre suavizadas pela confiança e conforto da vida que compartilhavam.

Assim, num mundo onde crescer era opcional, Kelly e Belinda viveram como sempre desejaram: juntas, seguras e profundamente amadas. Seu "casamento" não foi um passo rumo à vida adulta, mas

*Crescendo como Um bebê*

uma celebração da sua união, uma promessa de enfrentar a vida como uma equipe e o início de uma jornada para a vida toda lado a lado , alimentadas, cuidadas e amadas juntas.

## Epílogo: Juntos, para sempre pequenos

Os anos se passaram, embora o tempo parecesse diferente no mundo de crianças como Kelly e Belinda. Cronologicamente, elas cresceram. Eram adolescentes pelo calendário, mas em todos os outros aspectos, continuavam bebês: pequenas, amamentadas, cuidadas e seguras. Seus dias seguiam o ritmo tranquilo que sempre conheceram, engatinhando por túneis, empilhando blocos, brincando em piscinas rasas e explorando juntas áreas acolchoadas para brincar.

O vínculo entre eles, celebrado em um pequeno "casamento" anos antes, só se aprofundou. Compartilhavam berços durante as festas do pijama, aconchegavam-se sob grandes cobertores e sussurravam baixinho sobre as pequenas aventuras que viviam a cada dia. A hora do banho ainda era uma alegria compartilhada, repleta de risadas e mãos dadas com cuidado, e as horas da alimentação eram rituais calmos e reconfortantes, nos quais se sentavam lado a lado, amparados por cuidadores e pais que compreendiam a profundidade de sua conexão.

A puberdade continuou trazendo pequenas confusões: Kelly às vezes notava sensações estranhas em seu corpo, e Belinda vivenciava momentos semelhantes. Mas juntas, elas enfrentavam cada novo sentimento com confiança e segurança. De mãos dadas, ombros roçando, aconchegadas sob os cobertores, tudo o que poderia ter parecido confuso sozinhas se tornava seguro, administrável e até reconfortante com a outra ao seu lado.

Os pais e responsáveis perceberam claramente que Kelly e Belinda eram mais do que amigas. Eram um casal em todos os sentidos que importavam neste mundo. O amor delas era inocente, acolhedor e totalmente apropriado: uma expressão contínua de carinho, confiança e devoção. Permitiram que elas permanecessem

pequenas e infantis enquanto exploravam as profundezas da amizade, criando rotinas que entrelaçavam suas vidas por completo.

As manhãs começavam com engatinhadas conjuntas até a área de recreação, as tardes eram passadas explorando túneis e construindo torres, e as noites terminavam aconchegados juntos em um berço compartilhado. Cada pequeno gesto — oferecer um brinquedo primeiro, dar as mãos em um labirinto de tapetes, rir quando os blocos caíam — era uma lembrança do amor que haviam cultivado desde o primeiro encontro.

Mesmo com o mundo lá fora seguindo em frente, Kelly e Belinda prosperavam em um espaço projetado para elas. Crescer era opcional e a infância podia durar indefinidamente. E naquele espaço, elas encontraram tudo o que precisavam: segurança, alegria e a presença inabalável de alguém que realmente as compreendia.

No aconchego dos cobertores macios, nas risadas das salas de jogos e na intimidade tranquila de suas rotinas compartilhadas, Kelly sussurrou para Belinda: "Estou feliz... por estarmos juntas."

Belinda se aconchegou perto, murmurando: "Para sempre".

E assim, num mundo que permitia que as crianças permanecessem exatamente como eram, Kelly e Belinda continuaram suas vidas lado a lado, totalmente bebês, totalmente cuidadas e totalmente apaixonadas. Seus dias, suas brincadeiras, seus cochilos e suas refeições, todos entrelaçados, formaram a base de uma amizade para a vida toda, celebrada pelos pais, apoiada pelos cuidadores e acarinhada pelas duas meninas que escolheram uma à outra acima de tudo.

Neste mundo, não havia pressa. Havia apenas amor, confiança e o doce conforto de serem exatamente quem eram, juntos, eternamente pequenos.

*Se você gostou desta história curtíssima, visite [www.abdiscovery.com.au](http://www.abdiscovery.com.au) para ler uma enorme variedade de contos, de curtos a muito longos, todos sobre adultos que se comportam como bebês e o mundo em que desejam viver.*

